
Dos eixos à análise da materialidade: o audiovisual observado, compreendido e experimentado em toda sua complexidade.¹

Iluska COUTINHO²
Luiz Felipe Novais FALCÃO³
Simone MARTINS⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Este trabalho busca descrever o percurso de desenvolvimento da metodologia de análise de produtos audiovisuais, incluindo os materiais telejornalísticos, por meio das pesquisas do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual da Faculdade de Comunicação da UFJF – A análise da Materialidade Audiovisual. Além de apresentar a metodologia buscamos apresentar também um exemplo de aplicação prática em duas dissertações defendidas em 2019 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Nas duas pesquisas o método figurou como o principal e mais adequado método de descrição, análise e avaliação da pesquisa.

Palavras-chave

Análise da Materialidade Audiovisual; telejornalismo; audiovisualidades; pesquisa em comunicação

Introdução

À despeito de abordagens em tom preditivo que estabeleciam datas para o término de sua relevância, como mídia e forma de experiência, a televisão mantém sua centralidade no Brasil. Os últimos dados disponíveis da Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM 2016) indicam que a TV permanece como o meio hegemônico para acesso à informação sobre o país e o mundo pelos brasileiros. Assim, considera-se nas pesquisas desenvolvidas no âmbito do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual, que a televisão pode ser entendida como um artefato cultural, por meio de cuja experiência e análise seria possível também a compreensão de aspectos da própria sociedade. Assim, propõe-se que a cultura audiovisual no Brasil se estabelece, majoritariamente, pela relação estreita entre a sociedade e as narrativas televisivas ou televisuais. O hábito construído ao longo de quase sete décadas

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social, professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM da Faculdade de Comunicação da UFJF, coordenadora e pesquisadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual. E-mail: iluskac@globo.com.

³ Mestre e Doutorando em Comunicação pela UFJF. Desenvolve estudos na linha de Pesquisa Mídia e Processos Sociais. Pesquisador do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual. E-mail: luizfelipefalcao@gmail.com

⁴ Mestre e Doutoranda em Comunicação pela UFJF. Bolsista Capes, desenvolve estudos na linha de Pesquisa Mídias e Processos Sociais do PPGCOM da UFJF. Pesquisadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual. E-mail: sitema@gmail.com

principalmente pelo acesso às emissões das emissoras públicas de exploração comercial no país foi capaz de criar vínculos, pautar ordem e ritmos sociais a partir do fluxo da programação e aproximar o universo das telas da rotina de boa parte dos brasileiros.

Nos tempos e espaços contemporâneos a imagem é protagonista na mediação de boa parte das relações, e a centralidade da televisão indiscutível. O universo televisivo proporcionaria aos (tele)espectadores a impressão de reflexo de si mesmos; a condição de existência humana apontada por Arendt (2007), ser visível no espaço público, seria também conferida a partir da tela de que de acordo com Maria Rita Kehl, refletiria e refrataria o cotidiano no Brasil.

Dessa maneira, e considerando especialmente a oferta e acesso à informação cotidiana, e contextual, as narrativas televisivas ganham especial destaque, e responsabilidade, também como forma de exercício da cidadania, via experiência audiovisual. Assim há demandas de autores e atores sociais de que a televisão promova formas mais plurais e inclusivas de visibilidade. Scoralick e Falcão propõem que o poder exercido e a centralidade da televisão se realizaria num espaço de visibilidade e tensionamento das suas linhas de força, paralelas e semelhantes ao ambiente político. Entre o que é visível e o silenciado a programação televisiva seria capaz de atuar como marca de pertencimento e/ou exclusão, demarcando o espaço público a partir do alcance de suas imagens e enquadramentos. Na perspectiva da Dominique Wolton a TV se constituiria dessa forma no grande laço social da contemporaneidade.

A televisão é atualmente um dos principais laços sociais da sociedade individual de massa. (...) A televisão é a única atividade compartilhada por todas as classes sociais e por todas as faixas etárias, estabelecendo, assim, um laço entre todos os meios (WOLTON, 2004, p.135).

Para além dos imaginários exibidos/ compartilhados, o domínio do código e o uso constante da linguagem audiovisual é uma realidade no interior de pelo menos 68 milhões de domicílios espalhados por todo o Brasil. Os dados são do último levantamento feito, em 2016, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística durante a realização da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). Nesse cenário de reafirmação da centralidade da televisão, ainda que esta agora possa ser experimentada em diferentes telas, suportes, fluxos e temporalidades, o texto apresenta como proposta compreender o gênero telejornal como espaço de normalização mas também de mobilização potencial em torno dos direitos humanos. Por meio do contato com a materialidade audiovisual, da experiência televisiva, seria possível realizar-se humano e cidadão afetado pelas narrativas televisuais.

Nesses termos o texto envolve inicialmente a busca pela construção de parâmetros para observar e analisar o audiovisual, particularmente as produções de caráter informativo, e sua experimentação em diferentes telas. A partir da centralidade do telejornalismo como (e)ditor da sociedade brasileira, toma-se como ponto de partida nesse percurso a compreensão de sua forma de organização narrativa, propondo a existência de uma dramaturgia própria (COUTINHO, 2012). A compreensão das linguagens do jornalismo audiovisual, ao longo dos anos, tem sido foco de pesquisadores e profissionais do campo, que buscam consolidar com suas investigações e práticas o telejornalismo também como campo de conhecimento, com um saber fazer e saber narrar característicos. Nesse processo um desafio enfrentado é o de desenvolver e sistematizar métodos para analisar os produtos audiovisuais sem decomposições que descaracterizem a experiência do consumo e o dar o conhecer dos telejornais, por exemplo. A análise da materialidade audiovisual emerge como método possível para perscrutar o telejornalismo e outros gêneros a partir do enfrentamento do objeto em diálogo com os tensionamentos teóricos e epistemológicos de cada investigação. Para além desse percurso, apresenta-se uma visada sintética sobre algumas análises desenvolvidas por pesquisadores do Núcleo de Jornalismo Audiovisual tendo como focos a participação popular, a TV pública e a comunicação não hegemônica.

A dramaturgia do telejornalismo e a (e)dição da sociedade na tela

(Re)conhecida como modelo consolidado no Jornalismo, a estrutura da pirâmide invertida não conta o percurso da reportagem televisiva. Ancoradas na cotidianidade, as formas de construção dos relatos no telejornal demandam atenção quanto ao que poderiam se considerar as regras para sua tessitura. A busca por decodificá-las começa a partir de publicações com relatos assinados por profissionais do telejornalismo; estas assumem um caráter de compartilhamento de vivências que podemos associar ao motor do avanço discursivo que Barthes (2003) denominava de mergulhia, relacionado ao acúmulo ou depósito de experiências. Há também obras que buscam compartilhar um saber fazer, mais técnico e próprio do campo telejornalístico, e se assemelham a manuais com descrições de regras e procedimentos (PATERNOSTRO, 1987; BITTENCOURT, 1993; PRADO, 1996). No que se refere aos trabalhos teóricos do campo do Jornalismo, até o início do século XXI ainda havia uma lacuna importante nos estudos relativos ao universo televisivo no Brasil. Os percursos até então empreendidos no universo acadêmico, inclusive sob o ponto de vista metodológico, de certa maneira constituíram a moldura dos trabalhos pioneiros na pesquisa

em telejornalismo. De maneira geral, os primeiros estudos buscaram identificar os diferenciais da notícia televisiva e de seu processo de produção, tendo a análise de conteúdo como método preferencial.

Tentando compreender as balizas que normatizavam os modos de dizer no jornalismo audiovisual, Coutinho (2012) toma dois telejornais de rede como objeto empírico de análise, como produto a ser acessado. O contato com a forma da notícia televisiva envolveu análise do conteúdo veiculado e interpretação de sua estrutura “audiovisual”, além de pesquisa de campo. O momento empírico da investigação incluiu uso de técnicas associadas de decupagem e análise de conteúdo, com a perspectiva de evidenciar resultados que permitissem sustentar a existência de uma dramaturgia do telejornalismo na organização estrutural dos telejornais como narrativa dramática, acompanhada pelos telespectadores ao assistirem a realidade (inter)nacional na forma de um drama cotidiano.

Como critério de representatividade para a construção da amostra do material avaliado buscou-se a seleção de período sem a ocorrência de eventos comemorativos ou fatos espetaculares. Buscou-se dessa forma conferir estabilidade ao objeto de estudo, o que permitiria por associação, tomar o recorte analisado como significativo da regularidade dos telejornais veiculados nacionalmente. Sob o ponto de vista operacional,

Após a captação e ordenamento desse material, procedeu-se à decupagem do material audiovisual, com indicação de cenas, recursos narrativos e créditos de identificação de repórteres, apresentadores e entrevistados. A etapa seguinte constituiu a transcrição do som/áudio das matérias veiculadas em cada telejornal. Foi a partir desse texto (re)editado, imagens + transcrição, que se realizou o estudo da estrutura narrativa e dos recursos mobilizados na construção da notícia em TV, do drama telejornalístico. (COUTINHO, 2012, p. 98)

Em um primeiro momento a aproximação entre o universo da dramaturgia da gramática de produção de notícias em televisão foi analisada a partir da identificação da existência do conflito narrativo como núcleo fundamental das matérias exibidas nos dois telejornais. Por meio do diálogo com procedimentos de análise estrutural, e da identificação dos tipos de conflito narrativo, foi possível compreender que a estruturação do noticiário televisivo era feita torno de situações problemas que se constituíam em ganchos ou motores para a apresentação de ações e disputas posteriores, uma série de dramas cotidianos que se somavam nas edições diárias dos noticiários televisivos.

A identificação da existência de personagens no texto noticioso, de maneira latente ou manifesta, e ainda o papel representado por cada um deles na apresentação dos fatos no telejornal foram evidenciados a partir de matriz ou categorização originária dos (estereó)tipos frequentes em obras dramáticas, e ficcionais. Além disso, buscou-se perceber

se as tramas de mocinhos e vilões tinham regularidade quanto ao percurso narrativo, se havia uma espécie de roteiro chave na construção de uma matéria jornalística com texto, som e imagem. Como texto que se organiza no tempo, o noticiário televisivo foi analisado considerando a hierarquização das informações, a lógica de encadeamento das mensagens nas reportagens; mereceu ênfase a posição do lide em cada conteúdo audiovisual analisado. A análise do uso de entrevistas, das edições de sonoras nas edições selecionadas representou o terceiro momento interpretativo. A identificação das vozes que compõem o telejornal, do tempo e modo de apresentação de cada um dos “falantes” permitiu interpretar quais eram os tipos de narrativas veiculados nos noticiários. O estudo evidenciou também diferentes funções ou papéis desempenhados pelo repórteres nas edições em estudo.

O ritmo de edição, a frequência e forma de utilização de “off’s”, passagens, entrevistas, sobre som, foram outros elementos utilizados para evidenciar as marcas de linguagem de cada telejornal, as convenções narrativas adotadas por cada noticiário estudado. Também levou-se em conta a ordem de apresentação das matérias em cada um dos programas analisados. O olhar sobre a chamada ‘paginação’ permitiu evidenciar preferências ou estilos editoriais, e ainda compreender o produto telejornal como uma narrativa complexa, e cotidiana.

A análise então realizada, associada à pesquisa de campo, permitiu a construção de uma teorização sobre a estrutura narrativa das reportagens veiculadas em telejornais exibidos em rede nacional, por emissoras privada (TV Globo) e pública (TV Cultura-SP). Importante ressaltar que o contato com a dimensão empírica, quando submete-se as hipóteses à teste ou as questões de pesquisa ao tensionamento, não é realizado de forma neutra, ainda que a utilização de métodos cientificamente legitimados (como a análise de conteúdo, por exemplo), e sua explicitação no texto acadêmico pretendam mimetizar as estratégias da objetividade como ritual no Jornalismo (TUCHMAN, 1993).

Os pressupostos teóricos e o diálogo com os autores realizado ao definir-se o chamado problema de pesquisa atuariam assim como molduras para o olhar do analista, os enquadramentos por meio do qual a investigação construirá seus dados e evidências, a janela ou tela que permite ver o mundo narrado nas pesquisas. Considera-se, como Fourez que a observação científica é uma forma de organização da visão: “para observar é preciso sempre relacionar aquilo que se vê com noções que já se possuía anteriormente. Uma observação é uma interpretação: é integrar uma certa visão na representação teórica que fazemos da realidade” (FOUREZ, 1995, p.40).

Dessa maneira, pesquisas posteriormente realizadas (2004 a 2009) buscaram testar a validade daquela representação teórica acerca dos modos de narrar no telejornalismo, agora tendo como foco um universo regional. As investigações realizadas em Juiz de Fora, cidade pólo da zona da mata mineira permitiram perceber a replicação dos modelos, a permanência da dramaturgia do telejornalismo na forma de organização da notícia em televisão como narrativa dramática, em que pesem dificuldades de caráter operacional e técnico. Importante ressaltar o diálogo e reflexo nessas investigações dos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores que também tinham como foco de interesse o telejornalismo, e que passam a constituir em 2006 a TELEJOR, Rede de Pesquisadores em Telejornalismo. Dessa maneira alguns conceitos, como os de audiência presumida (VIZEU, 2005), linguagem do telejornal (BECKER, 2004) e dramaturgia do telejornalismo (COUTINHO, 2012) passaram a integrar uma base comum, um repertório compartilhado de olhares sobre o telejornalismo, com vistas ao desenvolvimento do próprio conhecimento sobre ele, agora não apenas de natureza técnica, mas também teórico e reflexivo.

Nesse percurso teórico-metodológico, em que pese a relevância dos aspectos textuais e mesmo do conteúdo informativo em um telejornal, merece registro a compreensão de que sua inscrição no universo televisivo implicaria a necessidade de reconhecer, e demarcar na análise aspectos culturais dessa mídia e da própria relação da sociedade com a televisão. Estava dada a largada para a busca de uma metodologia para chamar de nossa: a análise da materialidade audiovisual.

A proposta da Análise da Materialidade Audiovisual

A assimilação e a apropriação das características da televisão por parte de quem nela se expõe e a ressignificação das formas de produzir conteúdo por quem faz TV constituem um cenário contemporâneo no qual a inovação impõe-se como desafio, na busca por ofertar ou quando muito narrar novas nuances na materialidade audiovisual. Por sua vez, o telespectador é um personagem presente. Diálogos e narrativas realizadas via rede na qual se exige da TV cada vez mais maneiras elaboradas para estar diante das telas e, na busca por surpreender-se, demanda ainda mais tecnologias, novos formatos, experiências e fruições. A realização do audiovisual se transforma e complexifica em velocidade e interações, com o acesso à equipamentos e tecnologias que permitem potencialmente a experimentação do amador na elaboração de produtos audiovisuais, com destaque para o telejornalismo, sobretudo na dimensão ou simulação do direto, do ao vivo. Por outro lado,

como resposta ou reação, a TV também demanda e estimula hoje uma participação cada vez mais frequente de quem assiste. Os questionamentos sobre essa interação ganham críticas que perpassam a discussão do direito à informação, a liberdade de expressão, o campo de atuação profissional e até mesmo a discussão ética e o caráter de veracidade do que é produzido “em parceria” com as redações de TV, ainda que esse seja aspecto tangencial, que não será aqui abordado. O telejornal se tornou também espaço de disputa na produção audiovisual pelos (tele)espectadores-produtores.

Diante da zona de interseção cada vez mais robusta entre emissores, produtores e espectadores, os questionamentos sobre o universo audiovisual acabam mais amplos e a vontade de compreender a linguagem e as mudanças sociais estabelecidas a partir delas se multiplicam na mesma proporção. Estudar o audiovisual é um desafio. Ainda mais porque a presença marcante do audiovisual na rotina do pesquisador impede o distanciamento do objeto de estudo tradicionalmente adotado. Sem uma metodologia adequada, os estudos audiovisuais em todas as suas complexidades ficam assim inviáveis. É nesse contexto que surge a análise da Materialidade Audiovisual como método possível.

O caminho metodológico se pauta pelo desafio de não fazer a fragmentação dos objetos no momento da análise para que a decomposição não descaracterize aquilo que se pretende compreender. Desde 2003, quando Iluska Coutinho buscou compreender as estruturas da narrativa televisiva, a pesquisadora identificou uma necessidade de ampliar as categorias de análise inicialmente estabelecidas pela metodologia da Análise de Conteúdo o que exigiu maneiras de repensar esta forma de pesquisa. Ao avançar na busca por respostas sobre telejornalismo, voltando a perspectiva para o jornalismo público, a autora identifica novamente o emergir a necessidade de novas categorias de estudo para atender as demandas de cada situação posta e conclui que “o modelo estabelecido para a avaliação do telejornalismo público pode ser considerado uma forma inicial de diagnóstico, a ser interpretado, mobilizado ou ainda adaptado a partir do problema a ser investigado.” (COUTINHO, 2013, p.39)

A partir dessa verificação e, no âmbito dos estudos cada vez mais voltado para as peculiaridades do audiovisual com vistas a interação entre ele e o que ele comunica e afeta cabe destacar um aspecto relevante entre os pesquisadores da comunicação. É que os pesquisadores do audiovisual, uma vez também comunicadores, frequentemente se veem num “não espaço” de múltiplas afetações. Enquanto sujeito está passível da afetação atribuída ao público. Vivencia ainda a afetação estabelecida enquanto produtor em resposta a reação diante do material e ao que o público demandou. Há ainda a observação diante do

domínio de práticas profissionais e tudo isso pode esconder uma armadilha. Iluska Coutinho (2016) sugere que a pesquisa feita por jornalistas leva parte considerável das relações e das maneiras de narrar durante o exercício da profissão.

Os pesquisadores em telejornalismo em sua maioria partilham além do interesse temático uma trajetória de vida que inclui a vivência nas redações de telejornais, a experiência profissional no jornalismo televisivo. (...)Jornalistas-pesquisadores, os estudiosos do telejornalismo parecem trazer em suas narrativas parte de sua inscrição nesse campo profissional. O apagamento das reflexões sobre os métodos e seus limites poderia assim ser relacionado a um efeito de sentido inscrito nos modos de narrar o telejornalismo, também em textos científicos. (COUTINHO, 2016, p.4).

Focada em observar elaborar uma análise que driblasse essa “traquinagem da pesquisa” a autora se debruçou sobre os estudos de comunicação de outros autores para mapear e identificar quais eram as metodologias mais comuns e como as pesquisas se desenvolviam na busca quase que utópica por um distanciamento positivista do objeto pesquisa.

Os dados do levantamento chamam a atenção para a ausência de procedimentos metodológicos em 67,41% dos trabalhos observados. A análise de conteúdo desponta como a alternativa de pesquisa de 25% dos autores. Uma das observações mais relevantes, descrita por Coutinho e Matta (2018) foi a “predominância de um dos elementos do código televisual (texto, som, imagem, edição) nas etapas de descrição e análise apresentadas nas pesquisas relatadas”.

Tendo inquietação sobre tais resultados a leitura analítica de telejornais a partir da dimensão material passa a figurar como uma das preocupações centrais do trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). Para os autores a experiência de consumo dessas narrativas não pode ser negligenciada, muito pelo contrário, precisa estar no centro das percepções ao definir o percurso da investigação acadêmica.

Observar o telejornal na perspectiva da compreensão da forma de avanços dos conflitos e situações problema em cada material jornalístico audiovisual mas também no noticiário como peça informativa, permitiria associar instâncias racionais, descritivas, e sensoriais, tais como aquelas mobilizadas quando se experimenta, acompanha e/ou interage com o jornalismo audiovisual. (COUTINHO, I. MATTA, J. 2018 p. 09)

A metodologia envolve uma avaliação descritiva e outra interpretativa do material audiovisual a ser investigado. Observa-se, uma vez identificado o objeto empírico e feita a leitura inicial dele, o fluxo narrativo definido, as promessas de gênero, os elementos paratextuais, quadros mobilizados, o conteúdo da narrativa de uma forma integrada.

Ancorados a partir do método denominado de Análise da Materialidade Audiovisual, as pesquisas realizadas tomam como objeto de avaliação a unidade texto+som+imagem+tempo+edição, em toda sua complexidade,

de códigos, sentidos e símbolos. A opção pela observação do telejornalismo na inteireza de sua dimensão audiovisual é resultado da compreensão de que as análises que envolvem procedimentos de decomposição/ transcrição de códigos descaracterizariam a forma de enunciação/ produção de sentido reportagens audiovisuais, noticiários ou outros programas televisivos, e assim representariam um afastamento de sua experiência de consumo e mesmo de sua verdade intrínseca. (COUTINHO, I. MATTA, J. 2018 p. 09)

Para os autores as etapas envolvem desde o conhecimento das emoldurações do daquilo que se busca analisar passando pela compreensão das promessas ou modos de endereçamento, suas formas de anúncio reconhecidas nos mais diferentes espaços de divulgação e apresentação (chamadas, vinhetas, sua posição na grade de programação ou textos de postagens de conteúdos audiovisuais no ambiente web), pelo mapeamento preliminar do objeto ou materialidade audiovisual a analisar até o estabelecimento dos eixos e categorias de avaliação, realizado em diálogo com o referencial teórico e com as questões motivadoras de cada investigação. São estes eixos que definem o que deve ser observado em cada amostra mediante as perguntas de pesquisa que deem sustentação a fichas de análise construídas pelo investigador. De forma prática os pesquisadores compactaram as seguintes etapas da metodologia: 1) identificação do objeto audiovisual (e suas propostas); 2) elaboração dos eixos de observação e da ficha de análise; 3) Pré-teste do instrumento; 4) pesquisa documental/ definição e obtenção da amostra a ser investigada; 5) construção de parâmetros de interpretação dos dados e, em casos em que há mais de um pesquisador envolvido ou que o volume a avaliar é extenso, sistematizar um material de codificação. Para exemplificar estas etapas contamos com a descrição de duas das pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA).

TV pública, hegemonia e mobilização pelo audiovisual: peculiaridades e perguntas de pesquisas que desenham o caminho da investigação.

Duas dissertações defendidas em 2019, feitas por pesquisadores do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual da UFJF, tiveram a Análise da Materialidade Audiovisual como um caminho para responder as questões de pesquisa e também como ferramenta para entender melhor os processos de produção, interação e ressignificação dos produtos audiovisuais alvo das pesquisas. O amadurecimento da compreensão das potencialidades da metodologia pode ser observado em trabalhos acadêmicos publicados ao longo dos três últimos semestres.

O primeiro deles, da mestre Caroline Marino, é uma análise dos vídeos produzidos e postados no interior de uma plataforma digital, o Think Olga. O espaço, uma ONG, que tem

uma identidade voltada para o empoderamento feminino e se pauta pelas discussões de representatividade e do universo das mulheres enquanto protagonistas da própria. Para poder efetuar uma análise mais completa acerca das especificidades da narrativa audiovisual e sua relação com as questões de pesquisa, na medida em que não haveria uma preocupação prévia com a tradução do vídeo em outros códigos para responder um protocolo investigativo, a pesquisadora entendeu que a metodologia se fazia pertinente.

Destacamos aqui dois artigos publicados sobre o objeto empírico: as produções audiovisuais da ONG Think Olga. No primeiro deles “Think Olga e narrativas feministas na web: ambiente digital como possibilidade para o exercício da contra-hegemonia” a autora lança luz sob as potencialidades do ambiente digital para o exercício da contra-hegemonia a partir de outros olhares e iniciativas que emergem neste cenário. A análise empreendida no texto tem como foco três lives transmitidas na página do Facebook do coletivo. A primeira dizia respeito ao dia Latino-Americano e Caribenho pela Descriminalização do Aborto, a segunda ao dia da mulher negra, latinoamericana e caribenha e a última, ao dia das mães.

Conforme a metodologia, foram estabelecidos os eixos de avaliação de acordo com as especificidades da pesquisa. Na análise em questão foram três eixos: 1 – Temáticas abordadas 2 - Apropriação das tecnologias digitais e 3 – Participação feminina. Além das análises baseadas nos eixos, foi necessário reconhecer e explicitar as promessas do produto audiovisual em questão. A iniciativa contribui para o desenho da análise e também para interpretações de eventuais fluxos relacionados à experiência de circulação e consumo daquele material audiovisual.

O segundo artigo publicado, “Mulheres na mídia, invisibilidade e silenciamento: “Pergunte a ela” de Think Olga e o direito humano a comunicação” tinha como objetivo refletir sobre iniciativas que atuam na tentativa de romper com o silenciamento da voz feminina nos espaços midiáticos e buscam exercer o direito humano à comunicação. A ideia da autora foi lançar um olhar para as narrativas audiovisuais numa série de vídeos em específico, o ‘Pergunte a Ela’, disponível no Youtube.

A metodologia dessa vez já foi utilizada na escolha do objeto. Ela se deu pelo fato da promessa desse quadro/série de vídeos, em particular, buscar caminhar na contramão do silenciamento e invisibilização. Razão essa que coloca, em primeiro plano, mulheres para falar sobre assuntos a partir de diferentes perspectivas. A análise se deu a partir de três perguntas-eixos, como propõe a metodologia de Análise da Materialidade Audiovisual. 1- Em que medida as narrativas caminham na direção do exercício do direito humano a comunicação? 2- Em que medida são uma tentativa de criar condições para que os

silenciados falem e sejam ouvidos? 3 – De que maneira são narrativas de resistência frente ao cenário de mídia vigente?

Em ambos os artigos foram levados em consideração também os elementos paratextuais que acompanham as narrativas audiovisuais, assim como textos das postagens que antecipam o vídeo e hashtags utilizadas (#PrecisamosFalarSobreOAborto, por exemplo). Esse olhar integrado na entrevista do objeto empírico permitiu realizar a parte da análise propriamente dita, observando sempre a complexidade do material audiovisual. A aplicação da análise em trabalhos que antecedem a dissertação é importante para a familiaridade com o método, que gera uma autonomia maior na definição dos eixos e um olhar mais atento para perceber as promessas e elementos que ajudam a compor toda a experiência audiovisual. Uma percepção integrada do todo foi primordial para entender cada narrativa como uma experiência única de análise, principalmente no ambiente digital, que possui componentes para além do vídeo em si, como os textos das postagens, os comentários e as hashtags.

O segundo trabalho que lançou mão da metodologia foi o da pesquisa voltada para a mobilização social por meio do audiovisual nas mídias sociais digitais de Luiz Felipe Falcão. O objeto de pesquisa foram 84 vídeos compartilhados no Facebook, por uma campanha de apoio a Empresa Brasil de Comunicação. O material é utilizado como estratégia para sensibilizar cidadãos no intuito de que se fortaleçam e lutem pela garantia dos direitos, nesta campanha, inicialmente, o de acesso à informação e conseqüentemente os demais a partir da emancipação possível por meio do acesso a fontes variadas e informações diversas e plurais.

Nesse sentido, a testagem da materialidade audiovisual começou em amostras menores. O primeiro trabalho foi uma avaliação sobre alguns dos vídeos da campanha escolhidos com base na repercussão de cada um: “Narrativas e Mobilização Social na campanha ‘Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública’.”. Em seguida a avaliação se debruçou sobre narrativas audiovisuais e das promessas feitas pela Rede Globo, ao lançar a série “Fant360” em 2017. Nessa análise “Fant360 – A anunciação de uma “outra” linguagem à luz da Análise da Materialidade Audiovisual” o conteúdo dos primeiros episódios são observados à partir da anunciação feita pelos demais vídeos feitos pela emissora ao longo da programação preparando os telespectadores e internautas para o novo produto audiovisual.

Ainda com o foco nas promessas de gênero feitas para produtos audiovisuais, outro trabalho foi elaborado. Dessa vez o artigo propunha a verificação do contexto em que a TV pública fazia a anunciação de si mesma e de seus princípios em reportagens telejornalísticas que abordavam a comunicação pública. Essas análises proporcionaram a segurança

metodológica para traçar o caminho a ser percorrido na observação principal da pesquisa que são as análises dos vídeos da campanha “Frente em defesa da EBC e da Comunicação Pública” e ainda efetivar análise paratextual capaz de dar compreensão global das peças audiovisuais produzidas para campanha e os sentidos por elas acionadas.

A perspectiva inicial foi a de realizar mapeamento do contexto em que essas narrativas foram produzidas e do espaço onde estavam inseridas além de analisar a mobilização social desencadeada via contato de cidadãos com estes vídeos nas redes sociais digitais. A maneira como cidadãos interagem no ambiente da campanha em espaço social/digital e o contato com materiais audiovisuais não poderia estar desvinculada dos elementos paratextuais que os acompanham. Não é possível compreendê-los promovendo a decomposição dessas peças. Os vídeos precisam ser entendidos no todo da edição, nos tempos de fala e pausa, nas imagens e principalmente nos enquadramentos propostos.

A proposta do pesquisador foi perceber os contextos e enquadramentos em que os vídeos emergiam como peça de mobilização, as múltiplas narrativas por eles anunciadas e principalmente entender as formas de interação entre os públicos a partir da postagem desses materiais em redes sociais digitais. Esta interação permitiu identificar os papéis desempenhados por cada uma das pessoas ao longo do processo de mobilização. À partir das molduras teóricas articula-se, na perspectiva da análise da materialidade audiovisual, a definição dos eixos de análise. Foram dois eixos. O que permitiu estruturar categorias capazes de responder as perguntas de pesquisa, e por meio delas entender quais estratégias e dispositivos da “Campanha Frente de Defesa da EBC” foram capazes de acionar os sentidos e paixões de cidadãos/internautas.

O primeiro eixo de análise é o de narrativas e a TV pública. Nesta etapa da análise verificou-se qual o tipo de vídeo. É uma animação? Foi gravado em ambiente externo ou interno? Observou-se ainda se houve edição, se teve arte ou algum tipo de efeito. Uma etapa importante nessa avaliação é a de identificar personagens. A busca foi por compreender como o autor do audiovisual se colocou como personagem na narrativa de mobilização. Houve uma atenção para a subjetividade, a pessoa usada para narrar, os pontos de vista em relação a proximidade ou distanciamento e ainda a forma de atuação: com ou sem direito a voz, imagem e identificação em créditos.

O Drama narrado pelos vídeos foi levado em consideração na ficha de análise. Aqui a pesquisa se atentou para identificar como o autor se inseriu na trama, como foram caracterizadas as demais personagens da narrativa audiovisual (vilão, arauto, mocinho, herói ou ainda vilão sem rosto).

O lugar de fala foi outro aspecto a observado ao preencher a ficha de análise assim como os conceitos de TV pública de acordo com os conceitos de diversidade, pluralidade, direitos, deveres, cidadania e participação adotados pelo NJA. Houve espaço ainda para avaliação dos outros assuntos que surgem ao longo dos vídeos e se relacionam e dialogam com os temas principais. Em que níveis estes assuntos estiveram à margem das discussões em outros modelos de Comunicação – institucional e comercial – e puderam no modelo público ser tratados? Observar a complementariedade dos assuntos abordados também foi uma das preocupações ao analisar cada vídeo. Por fim, o último aspecto analisado neste primeiro eixo foram as molduras que circundam o conteúdo dos audiovisuais. A ideia foi verificar quais conceitos e imagens emergem da campanha e o que quem participa anuncia.

Já o segundo eixo se propões a perceber a mobilização social, o público e a interação./ Para isso a primeira etapa de avaliação foi mensurar a adesão, a forma como cada um que participou dos vídeos se inseriu no contexto da campanha. Além disso foi aqui que estudamos a relação que os usuários das plataformas digitais estabeleceram com o conteúdo de cada publicação. A presença de partidarismo político também foi uma reflexão analisada assim como os diálogos entre as promessas feitas por cada vídeo e a medida em que elas foram utilizadas para a mobilização.

A análise do Paratexto foi o espaço para observar os textos físicos de apresentação dos audiovisuais nas postagens, nos compartilhamentos, compreender o lugar da publicação no interior da página, as características da comunidade e de quem dela participou.

Por fim a ficha se debruçou sobre as funções da linguagem no intuito de perceber como as abordagens narrativas se relacionaram com as funções da linguagem e as intensões presentes na narrativa de quem realizou o vídeo. As funções da linguagem são formas de utilização da linguagem segundo a intenção do falante. São classificadas em seis tipos: função referencial, função emotiva, função poética, função fática, função conativa e função metalinguística. Cada uma desempenha um papel relacionado com os elementos presentes na comunicação: emissor, receptor, mensagem, código, canal e contexto. Embora haja uma função que predomine, vários tipos de linguagem podem estar presentes num mesmo texto. Basicamente esta categoria identificou os elementos persuasivos utilizados na busca por mobilização.

Quem comentou, como comentou, como reagiu à anúncio, às promessas e como se comportou diante da abordagem para cada função da linguagem presente além do quantitativo de curtidas e compartilhamentos também foram contemplados pelas categorias estabelecidas pela ficha de análise.

Conclusão

A Análise da materialidade audiovisual dita é realizada como forma de apuração de aspectos constantes em uma pauta, aqui de investigação. Buscando um paralelo com os fazeres profissionais das equipes de televisão, antes da realização da reportagem (análise) é necessário o trabalho da produção, como instância de enquadramento. Na análise da materialidade audiovisual ela pode ser relacionada às etapas de: 1) identificação do objeto audiovisual (e suas propostas); 2) emolduração e elaboração da ficha de análise; 3) Pré-teste do instrumento; 4) pesquisa documental/ definição e obtenção da amostra a ser investigada; 5) construção de parâmetros de interpretação dos dados e, em casos eventuais, de um material de codificação. Procedimentos de (pré)produção realizados, a análise se assemelha a uma entrevista do objeto empírico, que em diálogo com as reflexões teórico-metodológicas realizadas, deve ser capaz de responder à questão central de pesquisa proposta.

Assim, entende-se a análise da materialidade audiovisual como metodologia possível para dar a conhecer e experimentar o telejornalismo, na medida em que ela identifica-se com as especificidades de seu saber fazer e saber narrar, e busca se apresentar como forma de saber investigar particular. Além da tentativa de explicitar os procedimentos e aspectos implicados na narrativa telejornalística, esse método de pesquisa e interpretação busca, pelo princípio da não decomposição de texto/som/imagem, preservar as marcas da materialidade audiovisual, aproximando-se daquilo que Morin entende como complexidade, evitando reducionismos implicados em traduções do audiovisual para outros códigos.

No âmbito desse texto buscamos apresentar as propostas de um modo particular de olhar, emoldurar e refletir sobre o telejornalismo e audiovisuais que na contemporaneidade são experimentados, produzidos e (re)significados em diferentes telas. Em um país como o Brasil, também é desigual o grau de vivência dessas novas apropriações, potencialmente acessíveis sobretudo para os espectadores localizados nos centros urbanos, e portadores de dispositivos como os telefones celulares, por exemplo. Exatamente por esta razão o audiovisual não pode ser experimentado, observado, descrito e avaliado sem levar em consideração toda a sua complexidade e sem decomposições.

Bibliografia:

- ARENDDT, Hannah. A condição humana. tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BECKER, Beatriz. A linguagem do telejornal. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.
- _____. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. In Estudos em Jornalismo e Mídia. v.6 no 2. Florianópolis: UFSC, 2009.
- BITTENCOURT, Luís Carlos. Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- COUTINHO, Iluska. Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2012.
- _____. A informação na TV pública. Florianópolis: Insular, 2013.
- _____. Um telejornal e um método para chamar de nossos: uma reflexão sobre telas, fronteiras e modos de olhar. São Paulo: SBPJor, 2018.
- FALCÃO, Luiz Felipe Novais e SCORALICK, Kelly. O acesso à informação na TV pelas pessoas com deficiência visual e o engajamento do jornalista para construção de uma mídia cidadã. II Congresso Internacional Sobre Competências Midiáticas 2.2017, Juiz de Fora, MG. Anais Eletrônico disponíveis em: <http://cicom.observatóriodoaudiovisual.com.br>
- FOUREZ, Gérard. A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das Ciências. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1995
- TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico. In TRAQUINA, Nelson (org). Jornalismo: questões, teorias, estórias. Lisboa: Veja, 1993.
- VIZEU, Alfredo. O lado oculto do telejornalismo. Salvador: Calandra, 2005.
- KEHL, Maria Rita. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. Videologias. São Paulo: Boitempo, 2004a, p. 141-161.
- WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.